



Faculdade Batista
do Rio de Janeiro

FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO

DAVID LOPES DE ALBUQUERQUE

**SECULARISMO E O VAZIO EXISTENCIAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE
ECLESIASTES 2.1-11**

Rio de Janeiro

2025

DAVID LOPES DE ALBUQUERQUE

**SECULARISMO E O VAZIO EXISTENCIAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE
ECLESIASTES 2.1-11**

Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dra. Teresa Akil

Rio de Janeiro
2025

SECULARISMO E O VAZIO EXISTENCIAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE ECLESIASTES 2.1-11

David Lopes de Albuquerque
Dra. Teresa Cristina dos Santos Akil de Oliveira

RESUMO: O presente estudo analisa a relação entre secularismo e vazio existencial a partir da reflexão teológica de Eclesiastes 2.1–11. O fenômeno da secularização, característico da modernidade e intensificado na pós-modernidade, redefine a experiência humana ao deslocar o sentido da vida da esfera do transcendente para o domínio do imanente, produzindo um sujeito centrado na autonomia e na autossuficiência. Tal reconfiguração, conforme indicam autores contemporâneos, intensifica a fragmentação interior, a ansiedade e a sensação de falta de propósito. A leitura exegética de Eclesiastes 2.1–11 revela que *Qohelet* realiza um experimento existencial abrangendo prazer, sabedoria, trabalho, poder e riqueza, constatando que tais caminhos, quando vividos “debaixo do sol”, resultam inevitavelmente em frustração e esvaziamento. A partir da análise bíblica e do diálogo com estudos sobre secularização, demonstra-se que o diagnóstico de *Qohelet* permanece atual ao evidenciar que todo fundamento existencial construído à parte de Deus se torna instável e insuficiente. O estudo conclui que o temor do Senhor, compreendido como reverência e dependência diante do Criador, oferece uma alternativa teológica robusta para enfrentar o vazio produzido pelo secularismo contemporâneo, restituindo ao ser humano sentido, orientação e esperança.

Palavras-chave: Secularismo; Vazio existencial; Eclesiastes 2.1–11; Modernidade; Teologia bíblica.

ABSTRACT: This study examines the relationship between secularism and existential emptiness based on the theological reflection of Ecclesiastes 2:1–11. The phenomenon of secularization, characteristic of modernity and intensified in postmodernity, redefines human experience by shifting the meaning of life from the sphere of the transcendent to the domain of the immanent, producing an individual centered on autonomy and self-sufficiency. This reconfiguration, as contemporary authors indicate, intensifies inner fragmentation, anxiety, and the feeling of purposelessness. The exegetical reading of Ecclesiastes 2:1–11 shows that Qohelet undertakes an existential experiment involving pleasure, wisdom, labor, power, and wealth, concluding that such paths, when pursued “under the sun,” inevitably result in frustration and emptiness. Based on biblical analysis and dialogue with studies on secularization, it is demonstrated that Qohelet’s diagnosis remains relevant by revealing that any existential foundation built apart from God becomes unstable and insufficient. The study concludes that the fear of the Lord—understood as reverence and dependence on the Creator—offers a robust theological alternative to confront the void produced by contemporary secularism, restoring meaning, direction, and hope to human existence.

Keywords: Secularism; Existential emptiness; Ecclesiastes 2:1–11; Modernity; Biblical theology.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por temática “Secularismo e o Vazio Existencial: uma reflexão a partir de Eclesiastes 2.1–11”, e seu objetivo geral é examinar como o fenômeno da secularização contemporânea se relaciona com a experiência crescente de vazio existencial, e de que modo o texto bíblico de Eclesiastes contribui para a compreensão dessa realidade. A interlocução entre o texto bíblico e a literatura contemporânea permitirá demonstrar que a crítica de *Qohelet* à busca autossuficiente por prazer, produtividade e acúmulo permanece profundamente pertinente para a compreensão do fenômeno da secularização e o vazio existencial nos dias atuais.

Este trabalho, que por base fontes de uma pesquisa qualitativa, fundamentada em fontes exclusivamente bibliográficas, na qual se emprega o método histórico-gramatical para a análise da perícopes, associado a uma abordagem teórica sobre o secularismo e suas implicações para a espiritualidade contemporânea. A investigação parte da contextualização histórica e literária do livro de Eclesiastes, articulando-a com reflexões de autores que discutem o avanço da secularização e seus efeitos sobre a experiência humana.

Para investigar o tema proposto, este trabalho está organizado em três seções. Na primeira seção, apresenta-se o contexto histórico, literário e teológico do livro de Eclesiastes, seguido de uma exposição introdutória da perícopes de Eclesiastes 2.1–11, destacando seus temas centrais e as interpretações de autores qualificados tanto na perspectiva da tradição rabínica quanto na teologia cristã. Na segunda seção, examina-se a secularização na contemporaneidade, abordando o deslocamento do transcendente e o fortalecimento da autonomia e da autorreferência como características marcantes da modernidade e da pós-modernidade. Por fim, a terceira seção apresenta as considerações finais, estabelecendo uma síntese entre a crítica bíblica presente na perícopes e a condição humana no contexto secularizado atual.

A relevância deste estudo encontra-se na sua capacidade em dialogar com uma questão que tem se intensificado no contexto das comunidades cristãs: o avanço do secularismo nas sociedades ocidentais e a conseqüente desvinculação de referenciais transcendentais que, embora não elimine a necessidade humana de sentido, contribui para o surgimento de um profundo vazio existencial. A ausência do

transcendente, somada à valorização exclusiva de conquistas materiais e prazeres efêmeros, reflete uma crise que o livro de Eclesiastes já descrevia há milênios, revelando a atualidade de seu diagnóstico. Assim, ao articular o pensamento bíblico com desafios contemporâneos, este trabalho oferece uma análise crítica do secularismo e de seus impactos sobre a experiência humana, evidenciando que uma compreensão teológica consistente pode iluminar caminhos para a redescoberta de propósito, orientação e significado em meio à crise existencial característica da modernidade.

2 CONTEXTO E TEXTO DE ECLESIASTES 2.1–11

Para compreender a profundidade da reflexão desenvolvida em Eclesiastes 2.1–11, é essencial observar o contexto histórico, literário e teológico que molda o livro.

2.1 Panorama histórico, literário e teológico de Eclesiastes

O livro de Eclesiastes integra a literatura sapiencial do Antigo Testamento e apresenta uma reflexão singular sobre a existência humana. Sua autoria é atribuída à figura de *Qohelet*, termo que pode ser traduzido como “pregador” ou “mestre da assembleia”. Embora o texto inicia mencionando “filho de Davi, rei em Jerusalém” (Ec 1.1), muitos estudiosos compreendem essa expressão como recurso literário que remete à figura paradigmática da sabedoria, representada em Salomão. Eaton (2017, p. 27) e Mesquita (1993, p. 15) observam que essa moldura literária amplia o alcance teológico do livro, independentemente de uma autoria salomônica estrita.

A datação de Eclesiastes é amplamente debatida. Alguns autores defendem uma composição salomônica no século X a.C., enquanto outros sugerem data pós-exílica, entre os séculos V e III a.C. Radmacher, Allen e House (2010, p. 993) ressaltam que, apesar das divergências, o foco do livro não está em sua cronologia, mas em seu diagnóstico profundo sobre a busca humana por sentido.

Literariamente, Eclesiastes combina discursos, observações existenciais e máximas de sabedoria. Kidner (1976, p. 5) o descreve como texto que rejeita respostas simplistas, refletindo as ambiguidades da vida humana. Ryken (2005) destaca que suas tensões e paradoxos não revelam incredulidade, mas uma tentativa honesta de compreender a realidade à luz da finitude humana. Lopes

(2023, p. 11) considera que essa franqueza torna o livro especialmente relevante ao homem moderno, marcado pela instabilidade emocional e pela ansiedade de um mundo em constante mudança.

Do ponto de vista teológico, dois conceitos estruturam o livro: a expressão “debaixo do sol” e o termo hebraico *hebel*. Champlin (2015, p. 2709) afirma que “debaixo do sol” representa uma perspectiva estritamente terrena, que ignora a dimensão divina. Já *hebel*, traduzido como “ vaidade”, expressa a ideia de vapor, algo instável e incapaz de sustentar o peso real. Eaton (2017, p. 53) aponta que o termo não indica absurdo absoluto, mas a insuficiência do finito para fundamentar a existência. Kidner (1976) acrescenta que *hebel* traduz bem a brevidade, a frustração e a imprevisibilidade da vida humana.

Essa combinação de recursos literários e reflexões teológicas possibilitam uma análise coerente de Eclesiastes 2.1–11, onde o Pregador descreve sua busca por significado através de prazeres, realizações, riquezas e sabedoria, caminhos que se revelam insuficientes quando vividos sem referência a Deus.

2.2 Estrutura literária e temas teológicos

Eclesiastes se organiza como uma série de observações e discursos nos quais o Pregador examina a vida humana à luz de sua finitude. Ryken (2005, p. 17) observa que o livro retrata a existência em sua complexidade, abordando alegrias, dores, tensões e limites. *Qohelet* não oferece respostas rápidas, mas conduz o leitor a reconhecer sua própria fragilidade.

Dentre seus principais temas destacam-se: a insuficiência do prazer como base da existência (Ec 2.1–3); o limite da sabedoria humana (Ec 1.12–18); a frustração do trabalho e das grandes realizações (Ec 2.4–11); a inevitabilidade da morte (Ec 3.19–20); a soberania de Deus sobre os tempos (Ec 3.1–11); o temor do Senhor como fundamento seguro (Ec 12.13).

Segundo Lopes (2023), a teologia de Eclesiastes articula-se em três eixos: a bondade dos dons de Deus, a limitação humana e a necessidade do temor do Senhor. Esses elementos dão ao livro profundidade única e impedem leituras excessivamente pessimistas.

2.4 Comentários de Eclesiastes 2.1–11

Eclesiastes 2.1-11, marca uma transição metodológica fundamental na obra de *Qohelet*. Após constatar a fadiga da sabedoria intelectual no capítulo anterior, o autor abandona a especulação teórica para adentrar o campo da verificação experimental. Não se trata de uma entrega desordenada às paixões, mas do que Michael Eaton define como um "método empírico" de sabedoria, e que o comentário de Metzudat David classifica como uma investigação ética deliberada em busca do que constitui o "bem verdadeiro" para a existência humana.

A estrutura da análise seguirá o próprio itinerário do experimento de Salomão, dividindo-se em seis movimentos lógicos: A auto deliberação inicial; o teste do prazer sensorial; a tentativa de preenchimento através das grandes obras culturais; o acúmulo de poder e riqueza; a avaliação da recompensa obtida no trabalho; e, finalmente, o veredito sobre a validade de todo o esforço.

2.4.1 Estrutura de Eclesiastes 2.1-11

A passagem é estruturada como uma sequência de buscas, um experimento existencial em quatro movimentos distintos.

Introdução (2.1^a)

Movimento 1- A busca pelo prazer (2.1b)

Movimento 2- A sabedoria e grandes obras (2.3–5)

Movimento 3- Projetos, poder e riqueza (2.6–8)

Movimento 4- A plenitude das conquistas humanas (2.9–10)

Conclusão (2.11)

A "Introdução" (2.1a) inicia-se com a auto deliberação: *"Disse comigo: Vamos! Eu te provarei com a alegria; goza o prazer"*, estabelecendo o propósito metodológico da investigação.

Em seguida, em seu primeiro movimento, ocorre "A busca pelo prazer" (2.1b), na qual o autor declara: *"Mas também isso era vaidade. Do riso, disse: É*

loucura; e da alegria: De que serve?”, revelando a insuficiência do hedonismo como resposta ao sentido da vida.

O texto avança para “A sabedoria e grandes obras” (2.3–5), onde *Qohelet* afirma: *“Resolvi no meu coração dar-me ao vinho, mantendo, porém, a mente dirigida pela sabedoria, e entregar-me à loucura, até ver o que melhor seria que fizessem aos filhos dos homens debaixo do céu, durante os poucos dias da sua vida. Empreendi grandes obras; edifiquei para mim casas; plantei vinhas; fiz hortas e jardins e plantei neles árvores frutíferas de toda espécie”*, demonstrando que nem a combinação entre sabedoria, prazer moderado e produtividade monumental satisfaz o anseio existencial.

O terceiro movimento, “Projetos, poder e riqueza” (2.6–8), amplia o escopo da investigação: *“Fiz para mim açudes, para regar com eles o bosque em que reverdecem as árvores. Comprei servos e servas e tive servos nascidos me casa; também possuí bois e ovelhas, mais do que todos que vieram antes de mim em Jerusalém. Amontoei também para mim prata ouro e tesouros de reis e de províncias; provi-me de cantores e cantoras e das delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres”*, revelando a acumulação máxima de recursos, status e prazeres.

Seguindo para o quarto e último movimento “A plenitude das conquistas humanas” (2.9–10), em que o autor afirma: *“Engrandeci-me e sobrepujei a todos os que viveram antes de mim em Jerusalém; perseverou também comigo a minha sabedoria. Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era recompensa de todas elas”*, indicando que nada lhe foi negado em termos de realização pessoal, trabalho e alegria momentânea.

Finalmente, a “Conclusão” (2.11) reúne a avaliação total do experimento: *“Considerarei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol”*, sintetizando a tese central da perícopre.

2.4.2 Comentário de Eclesiastes 2.1-11

A seguir, apresenta-se o comentário detalhado da perícopre, estruturado conforme os movimentos do experimento existencial de *Qohelet*, contrastando as

visões judaica clássica e da teologia cristã moderna.

2.4.2.1 Introdução e Auto deliberação (2.1a)

“Disse comigo: Vamos! Eu te provarei com a alegria...”

Segundo Metzudat David (Séc. XVIII), o diálogo de *Qohelet* com seu coração marca o início de uma investigação ética deliberada. Ao dizer "vem agora", o autor propõe um afastamento temporário da especulação intelectual para testar, na prática, se a alegria sensorial poderia ser considerada o “bem verdadeiro” (*tov*) que o ser humano deve perseguir como fundamento da vida. Para Eaton (2017, p. 77), este versículo introduz o “método empírico” de sabedoria de *Qohelet*. Não é uma entrega irrefletida ao hedonismo, mas um teste controlado (“eu te provarei”). O autor se coloca como sujeito e objeto da experiência, buscando dados factuais sobre a capacidade da alegria de sustentar o sentido da existência.

2.4.2.2 A Busca pelo Prazer (2.1b–2)

“...do riso, disse: É loucura; e da alegria: De que serve?”

A classificação do riso como “loucura” é explicada por Metzudat David (Séc. XVIII) de forma pragmática: o riso constante confunde a mente e é característico dos tolos, pois carece de seriedade e substância. Sobre a alegria, a pergunta “de que serve?” indica que ela é estéril; ela não produz nenhum resultado prático ou “fruto” que permaneça com a pessoa após o evento festivo. Mesquita (1993, p. 55) observa que o erro apontado aqui não está no prazer em si, que é um dom de Deus, mas na tentativa de torná-lo o propósito final da vida. Quando a alegria é buscada como um fim “sentido último” e não como um meio “refrigério”, ela falha inevitavelmente, revelando-se “ vaidade” por sua incapacidade de preencher a alma humana.

2.4.2.3 Sabedoria e Grandes Obras (2.3–5)

“...vinho... edifiquei casas, plantei vinhas...”

O rabino Ibn Ezra (Séc. XII, Ec 2.4) interpreta a construção de casas, vinhas e

jardins não apenas como luxo, mas como um teste de limite. Qohelet buscou cercar-se da máxima beleza física e conforto para verificar se a satisfação visual e o orgulho da posse trariam paz ao espírito. Foi uma tentativa de preencher o interior através da modificação do exterior. Kidner (1976, p. 33) descreve esta fase como uma “busca de satisfação” através da criatividade e do domínio. Salomão tentou fazer da sua própria vida uma obra de arte, equilibrando o estímulo sensorial “vinho” com o controle intelectual “sabedoria”. Mesquita (1993, p. 56) alerta para o perigo deste experimento: ao tentar saciar uma alma de origem divina com prazeres materiais “cisternas rotas”, o homem apenas aprofunda a sua frustração.

2.4.3.4 Projetos, Poder e Riqueza (2.6–8)

“...açudes... servos... prata e ouro...”

O acúmulo de servos e tesouros é visto pelo Midrash (*Qohelet Rabbah*) como prova da insaciabilidade humana: “quem tem cem, quer duzentos”. Metzudat David (Séc. XVIII) acrescenta que, ao afirmar “engrandeci-me mais do que todos”, Salomão estabeleceu que possuía as condições ideais para o teste. Se ele, com recursos ilimitados, não encontrou sentido, isso prova que a falha está na natureza das coisas materiais, e não na quantidade delas. Champlin (2001, p. 2715) destaca que toda esta prosperidade, descrita como “delícias dos filhos dos homens”, está confinada à esfera “debaixo do sol”. O acúmulo de bens representa o esforço humano de construir um paraíso terrestre autônomo. Contudo, essa glória é frágil, pois ignora a dimensão espiritual e a realidade da morte, resultando apenas em “aflição de espírito”.

2.4.3.5 Plenitude das Conquistas Humanas (2.9–10)

“...tudo quanto desejaram os meus olhos... meu coração se alegrou...”

No versículo 10, Metzudat David (Séc. XVIII) oferece uma interpretação crucial sobre a “porção” recompensa de Salomão. Ele explica que a única coisa que restou de todo o esforço foi a alegria momentânea sentida durante a execução do trabalho. Assim que a obra terminava, a alegria desaparecia. A “porção” foi o prazer

passageiro da ação, sem nenhum saldo permanente. Hernandez Dias Lopes (2023, p. 49-51) atualiza este conceito distinguindo “salário” de “herança”. A alegria no trabalho foi um pagamento diário e efêmero, mas não constituiu um legado eterno para a alma. Kidner (1976, p. 34) reforça que Salomão teve a emoção da criatividade “a alegria do fazer”, mas não conseguiu reter a satisfação da posse, descobrindo que o prazer morre junto com o tempo que o produziu.

2.4.3.6 Conclusão (2.11)

“...eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento...”

Ao proferir o veredito final, Rashi (Séc. XI, Ec 2.11) define “vaidade” *hebel* de forma visual: algo sem substância, como a fumaça, que não se pode segurar nas mãos. Ibn Ezra (Séc. XII, Ec 2.11) foca no termo “proveito” *yitron*, explicando que ele significa “sobra” ou “saldo”; a tragédia humana é que, ao final da vida, não se leva nenhum “lucro” extra de todo o esforço terreno. Eaton (2017, p. 77) concorda que a chave é a falta de “proveito” *yitron*, definindo-o como um ganho permanente que sobrevive à morte. O secularismo falha porque não pode oferecer esse tipo de ganho. Mesquita (1993, p. 58) conclui que “correr atrás do vento” é a constatação da falência da autonomia: sem a conexão com o divino, a vida torna-se uma “bolha de sabão”, brilhante por um momento, mas vazia de significado eterno.

A análise comparativa das tradições, permite estruturar a conclusão com duas perspectivas. Para os sábios judeus, o experimento de Eclesiastes (2.1-11) expõe a futilidade de confiar no mundo material. A conclusão é ética: o mundo, por mais vasto que seja, não tem “substância” *mamashut* para sustentar a alma. O acúmulo de bens não falha por ser mau, mas por ser insuficiente diante da insaciabilidade do desejo humano e da inevitabilidade da morte. Para a teologia cristã, o texto diagnostica a idolatria existencial. O fracasso de Salomão demonstra que o coração humano possui um “tamanho infinito” que não pode ser preenchido por um mundo finito. A vida “debaixo do sol”, vivida sem referência a Deus está condenada à frustração porque tenta substituir o Criador pela criação.

Ambas as tradições convergem para um ponto central: o fracasso da autonomia. Tanto a análise literal rabínica quanto a teológica cristã concordam que o “método empírico” de buscar a felicidade nas coisas criadas, como o prazer,

intelecto ou riqueza, resulta invariavelmente em “correr atrás do vento”. O vazio existencial não é causado pela falta de conquistas, pois *Qohelet* teve todas, mas pela ausência de um fundamento transcendente que dê perenidade e valor real “proveito” à experiência humana.

3 A SECULARIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Tendo esclarecido o diagnóstico existencial de *Qohelet*, a seção que se segue amplia o olhar para mostrar como essas mesmas dinâmicas se manifestam na realidade contemporânea por meio do fenômeno da secularização.

3.1 Secularização como reconfiguração da experiência humana

A secularização contemporânea não consiste apenas no afastamento institucional da religião, mas em uma reconfiguração profunda da forma como o indivíduo percebe e interpreta a vida. A cultura moderna desloca o sentido da existência da esfera transcendental para o âmbito imanente, fazendo com que a fé deixe de estruturar a visão de mundo como um todo. Brandão (2016, p. 57) descreve esse processo como uma redistribuição do lugar da religião na sociedade, na qual o sagrado passa a ser apenas uma opção entre muitas.

Casimiro (2002, p. 5) afirma que a secularização se manifesta em duas dimensões complementares: a social e a subjetiva. Na dimensão social, a religião perde espaço como referência pública. Na subjetiva, o indivíduo assume autoridade sobre sua própria espiritualidade, reorganizando seu sistema de sentido sem recorrer à revelação divina. Nesse novo paradigma, o ser humano emerge como intérprete soberano de sua existência, e a fé tende a se tornar projeção de desejos pessoais.

John Stott identifica que o cenário ocidental atual é marcado por crescente pluralismo, pela perda de valores tradicionais e pela marginalização da fé cristã. Embora seu enfoque seja pastoral, Stott demonstra como a secularização enfraquece a autoridade bíblica na formação da moralidade pública. Essa mudança resulta em fragmentação, relativização e perda de referenciais éticos.

Keller (2018) reforça que a secularização altera profundamente a construção da identidade. Ele explica que, na tradição ocidental, a identidade inicialmente era

recebida, mas na modernidade tornou-se construída, e na pós-modernidade passou a ser inteiramente autocriada. Nesse processo, a autoridade última sobre quem a pessoa é passa a residir no próprio indivíduo. Como observa Keller (2018, p. 140, 151), essa mudança coincide com a descrição bíblica de uma vida orientada apenas “debaixo do sol” (Ec 1.3), onde o sentido é buscado a partir de categorias exclusivamente humanas.

Assim, a secularização não apenas modifica práticas religiosas, mas remodela a própria experiência humana, gerando uma existência marcada pela autonomia, mas também pela vulnerabilidade emocional e espiritual.

3.2 Modernidade, autonomia e crise de significado

A modernidade elevou a razão à posição de principal fundamento da existência, promovendo a emancipação do indivíduo em relação às tradições e estruturas religiosas. Brandão (2016, p. 59) observa que essa autonomia gerou um sujeito que se vê obrigado a construir o próprio sentido de vida por meio de autenticidade, produtividade e autorrealização. Esse processo, porém, transforma o indivíduo em portador de um fardo existencial, pois o sentido passa a depender exclusivamente de sua capacidade de desempenho.

Frankl (2008) descreve esse fenômeno como uma “vontade de sentido frustrada”, quando o ser humano tenta preencher seu vazio interior através de recursos puramente humanos. Para ele, a ausência da dimensão transcendental conduz a um sofrimento existencial profundo, caracterizado por ansiedade, angústia e sensação de insignificância (FRANKL, 2008, p. 54).

Stott acrescenta que a modernidade produziu uma profunda desorientação moral e espiritual. A rejeição dos fundamentos cristãos resultou em um cenário no qual normas éticas são relativizadas e a sociedade experimenta crescente insegurança nos campos emocional, espiritual e comunitário.

Keller (2018) argumenta que a identidade baseada na autonomia total é instável e gera ansiedade. A liberdade absoluta, sem limites externos, conduz ao isolamento e a uma busca incessante por validação (KELLER, 2018, p. 139, 150). O diagnóstico de *Qohelet* confirma esse mesmo padrão: o ser humano que tenta sustentar sua vida apenas por meio de suas conquistas descobre que “tudo é vaidade e correr atrás do vento” (Ec 2.11).

3.3 Espiritualidade subjetiva e religião vivida

A secularização não elimina a religiosidade, mas frequentemente a transforma, dando origem a formas subjetivas de espiritualidade. Adam (2020, p. 313) chama esse fenômeno de “religião vivida”, caracterizada por práticas espirituais flexíveis, fluídas e baseadas na experiência individual desvinculadas de tradição, comunidade ou doutrina.

Casimiro (2002, p.5) adverte que essa espiritualidade subjetiva pode comprometer a fé cristã ao reduzir a religião a instrumento de autorrealização pessoal. Nesse modelo, o indivíduo molda sua espiritualidade conforme seus desejos, sem considerar a revelação bíblica como autoridade normativa.

Stott identifica que esse deslocamento é resultado direto do esvaziamento da autoridade das Escrituras. Com a perda de referenciais objetivos, a espiritualidade torna-se difusa e utilitária, conduzindo a práticas fragmentadas que refletem mais as preferências do indivíduo do que o ensino bíblico.

Keller (2018) observa que, embora ofereça sensação temporária de liberdade, a espiritualidade subjetiva não resolve o vazio interior. Pelo contrário, ela tende a intensificar o senso de instabilidade e exaustão moral, pois continua baseada na autonomia. Assim como destaca *Qohelet*, todo projeto existencial que não se fundamenta em Deus torna-se incapaz de fornecer significado duradouro.

3.4 Secularização na pós-modernidade: relativismo, multiplicidade e fragmentação

A pós-modernidade intensificou o processo de secularização ao questionar a existência de verdades universais. Oliveira (2012, p. 26) afirma que, nesse contexto, doutrinas, valores e crenças passam a ser compreendidos como construções socioculturais subjetivas, abertas à desconstrução. Assim, a verdade se torna relativa e plural.

Brandão (2016, p. 60) destaca que, embora essa multiplicidade ofereça maior liberdade, ela também aumenta a insegurança. O indivíduo passa a viver em um ambiente de instabilidade, no qual opções e caminhos se multiplicam, mas faltam fundamentos sólidos para orientar as decisões.

Stott descreve a sociedade pós-moderna como um ambiente no qual o cristão encontra-se progressivamente alienado. O pluralismo e o relativismo moral tornam os valores cristãos marginais ou mesmo conflitantes com a mentalidade dominante.

Keller (2018) acrescenta que, em uma cultura marcada pela ausência de absolutos, a identidade autocriada torna-se um projeto exaustivo. Sem fundamentos externos, o indivíduo vive em constante fragmentação, o que intensifica a sensação de vazio. Essa realidade reafirma a conclusão de *Qohelet* de que, quando o ser humano tenta construir significado longe de Deus, encontra apenas frustração e transitoriedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão realizada neste trabalho confirmou que o vazio existencial característico da sociedade contemporânea é resultado direto do processo de secularização, que deslocou o sentido da vida da esfera do transcendente para a autonomia individual (BRANDÃO, 2016). Tal mudança fez com que o ser humano moderno assumisse sozinho a tarefa de construir seu propósito, gerando instabilidade, fragmentação e ansiedade, como apontam Casimiro (2002) e Keller (2018). Nesse cenário, a leitura de Eclesiastes 2.1–11 mostrou-se fundamental para compreender como essa dinâmica já era observada na antiguidade e permanece profundamente atual.

A análise do experimento existencial de *Qohelet* revelou que a busca por prazer, produtividade, sabedoria, projetos grandiosos e acúmulo de riquezas, quando vivida sem referência a Deus, não produz significado duradouro. Os comentaristas rabínicos, como Metzudat David e Ibn Ezra, destacam que esses caminhos falham porque o mundo material não possui substância suficiente para preencher a profundidade do coração humano. A literatura cristã reforça esse diagnóstico, Eaton (2017) evidencia que a expressão *hebel* aponta para a fragilidade de qualquer tentativa humana de construir sentido apenas a partir do que é finito, enquanto Kidner (1976) observa que a frustração de Salomão não se deve à ausência de conquistas, mas ao fato de que nenhuma delas pode sustentar o peso da existência quando desligada da perspectiva eterna. Assim, o texto bíblico demonstra que o problema não está nos dons da criação, mas na tentativa humana de transformá-los em substitutos de Deus.

Ao relacionar esse diagnóstico com o fenômeno contemporâneo da secularização, tornou-se evidente que o vazio existencial moderno não é um fenômeno novo, mas a repetição, em outras formas, da mesma lógica denunciada por *Qohelet*. A autonomia radical prometida pela modernidade não elimina a necessidade de transcendência; ao contrário, intensifica a busca por sentido justamente porque desloca o fundamento da vida para recursos que não podem sustentá-la. Assim como Salomão descobriu que a vida “debaixo do sol” é insuficiente, o homem secularizado percebe que conquistas, prazeres ou reconhecimento não respondem à sua inquietação mais profunda.

Dessa forma, a mensagem de Eclesiastes 2.1–11 permanece atual ao apontar que somente o temor do Senhor, entendido como reverência, dependência e reconhecimento de Deus como Criador, oferece um fundamento capaz de restaurar o sentido da existência. A pesquisa conclui, portanto, que a superação do vazio existencial não se alcança ampliando o imanente e rejeitando o transcendente.

REFERÊNCIAS

ALTSCHULER, David. **Metzudat David: Comentário sobre Eclesiastes**. Séc. XVIII. Disponível em: [https://www.sefaria.org/Metzudat David on Ecclesiastes.2](https://www.sefaria.org/Metzudat_David_on_Ecclesiastes.2). Acesso em: 10 jan. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMPOS, Heber Carlos de. **O ser de Deus e as suas obras: a providência e a sua realização na história**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

CHAMPLIN, R. N. **Eclesiastes: comentário bíblico**. São Paulo: Hagnos, 2015.

_____. **O Antigo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo**. Vol. 3. São Paulo: Hagnos, 2001.

DIAS, Lourival. **Resistindo à secularização**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

EATON, Michael A.; CARR, G. Lloyd. **Eclesiastes e Cantares: introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2017.

FRANKL, Viktor E. **A falta de sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GREIDANUS, Sidney. **Pregando Cristo a partir de Eclesiastes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

IBN EZRA, Abraham. **Comentário sobre Eclesiastes**. Séc. XII. Disponível em: https://www.sefaria.org/Ibn_Ezra_on_Ecclesiastes.2. Acesso em: 10 jan. 2025.

KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo: como a razão e a fé se encontram**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

_____. **Deus na era secular: crença em um mundo cético**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KIDNER, Derek. **A mensagem de Eclesiastes: A Bíblia Fala Hoje**. São Paulo: ABU Editora, 1976.

LOPES, Hernandes Dias. **Eclesiastes: sabedoria para viver**. São Paulo: Hagnos, 2023.

MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo no livro de Eclesiastes**. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.

MIDRASH QOHELET RABBAH. **Ecclesiastes Rabbah**. Séc. VI-VIII. Disponível em: https://www.sefaria.org/Kohelet_Rabbah.2. Acesso em: 10 jan. 2025.

OLIVEIRA, Ricardo; SANT'ANNA, Júlio. Modernidade, secularização e pós-secularismo. **Revista de Teologia Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 2, 2012.

RADMACHER, Earl D.; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne et al. **O Novo Comentário Bíblico do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

RASHI. **Comentário sobre Eclesiastes**. Séc. XI. Disponível em: https://www.sefaria.org/Rashi_on_Ecclesiastes.2. Acesso em: 10 jan. 2025.

RYKEN, Philip Graham. **Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

STOTT, John. **O cristão contemporâneo**. São Paulo: ABU Editora, 1992.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.